
PSICOSFERA DA EXPOFEIBEL NA AMAZÔNIA: TERRITORIALIDADE DO AGRONEGÓCIO E MUDANÇAS NO LUGAR E COTIDIANO BELTERRENSE

PSYCHOSPHERE OF EXPOFEIBEL IN THE AMAZON: TERRITORIALITY OF AGRIBUSINESS
AND CHANGES IN THE PLACE AND EVERYDAY BELTERRENSE

PSICOSFERA DE LA EXPOFEIBEL EN LA AMAZONIA: TERRITORIALIDAD DEL
AGRONEGOCIOS Y CAMBIOS DE LUGAR Y EL COTIDIANO BELTERRENSE

Francilene Sales da Conceição¹

Ricardo Gilson da Costa Silva²

RESUMO: Este artigo objetiva analisar a territorialidade da Exposição e Feira do Produtor de Belterra (Expofeibel) como uma Psicofera no lugar e as transformações socioespaciais e (Re)existências presentes no lugar/cotidiano dos povos e comunidades tradicionais amazônicas, a partir de uma nova territorialidade (2017-2020), Oeste do Pará, Mesorregião do Baixo Amazonas. Para o caminho metodológico foi feita pesquisa bibliográfica, pesquisa documental e pesquisa de campo. A teoria social de Milton Santos sobre “Espaços da Globalização” e de Rogério Haesbaert “Des-territorialização e identidade regional”, pressupõe entender as ações dessa nova territorialidade da Psicofera da I e II Expofeibel e as mudanças provocadas por essa feira agropecuária em Belterra do Tapajós como um processo territorial de ordem global (Agronegócio). A (i)legitimidade dessa nova identidade sulista e gaúcha no contexto das manifestações culturais tradicionais (festivais, festas, celebrações e competições) das populações belterrense tapajônicas tem ocasionado estranhamentos e desvelado como um projeto territorial de Anti/Des-Amazônia.

Palavras-chave: Psicofera. Agronegócio. Expofeibel. Territorialidades. Amazônia.

ABSTRACT: This article aims to analyze the territoriality of the Exhibition and Fair of the Producer of Belterra - Expofeibel initials in Portuguese, as a Psychosphere in place and the socio-spatial transformations and existences/resistances present in the place/daily life of peoples and traditional Amazonian communities, from a new territoriality (2017-2020),

1 Professora do Curso de Geografia da Escola Normal Superior da Universidade do Estado do Amazonas (ENS/UEA). Doutoranda e Mestra em Geografia pelo Programa de Pós-Graduação Mestrado/Doutorado em Geografia Universidade Federal de Rondônia – PPGG/UNIR, Licenciada em Geografia pela UFPA. Pesquisadora do Grupo de Pesquisa Gestão do Território e Geografia Agrária da Amazônia (GTGA/UNIR) e Pesquisadora do Grupo de Pesquisa Políticas Públicas e Dinâmicas Territoriais na Amazônia (GPDAM/UFOPA/CNPq). E-mail: lenesalesgeo@hotmail.com, ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3401-326X>.

2 Doutor em Geografia Humana (USP). Coordenador do Grupo de Pesquisa em Gestão do Território e Geografia Agrária da Amazônia (GTGA/UNIR). Docente do Departamento de Geografia, do PPGG/UNIR e do Programa de Pós-Graduação Mestrado Interdisciplinar Profissional em Direitos Humanos e Desenvolvimento da Justiça (DHJUS/UNIR). E-mail: rgilson@unir.br; ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3348-9629>.

West of Pará, Mesoregion of Lower Amazonas. For the methodological path, we used the bibliographic research, documentary research and field research. The social theory of Milton Santos about “Spaces of Globalization” and Rogério Haesbaert “Deterritorialization and regional identity”, presupposes understanding the actions of this new territoriality of the I and II Expofeibel Psychosphere and the changes brought about by this agricultural fair in Belterra of Tapajós as a global territorial process (Agribusiness). The legitimacy/illegitimacy of this new southern Brazilian identity in the context of the traditional cultural manifestations (festivals, parties, celebrations and competitions) of the Tapajonic people from Belterra has caused strangeness and unveiled as a territorial project of Anti/Des-Amazon.

Keywords: Psychosphere. Agribusiness. Expofeibel. Territorialities. Amazon.

RESUMEN: Este artículo tiene como objetivo analizar la territorialidad de la Exposición y Feria del Productor de Belterra – Expofeibel, sigla en portugués, como una Psicofera en el lugar y las transformaciones socio-espaciales y (Re)existencias presentes en el lugar/ vida cotidiana de los pueblos y comunidades tradicionales amazónicas, desde una nueva territorialidad (2017-2020), Oeste de Pará, Mesorregión del Bajo Amazonas. Para el recorrido metodológico, se realizaron investigaciones bibliográficas, documentales e investigaciones de campo. La teoría social de Milton Santos sobre “Espacios de globalización” y de Rogério Haesbaert “Desterritorialización e identidad regional”, presupone comprender las acciones de esta nueva territorialidad de la Psicofera de la I y II EXPOFEIBEL y los cambios provocados por esta feria agrícola en Belterra del Tapajós como proceso territorial de orden global (Agronegocios). La (i)legitimidad de esta nueva identidad del sur de Brasil en el contexto de las manifestaciones culturales tradicionales (festivales, fiestas, celebraciones y concursos) del pueblo de belterrense tapajonico ha causado extrañeza y se ha desvelado como un proyecto territorial de la Anti/Des-Amazonia.

Palabras clave: Psicofera. Agronegocio. Expofeibel. Territorialidades. Amazonia.

INTRODUÇÃO

A poesia que não foi escrita

*A poesia que não foi escrita, falava de ti,
Belterra cidade querida!
Falava sobre amor, paixão, ilusão.
Falava sobre imagem, paisagem, bobagens, sonhos de um palmo de chão.
Solidão, cegueira, besteira...
Falava sobre queda, ferida, descida...
Lágrima, pranto, feitiço, encanto, traição, eternidade, dimensão.
Falava de ti, do desejo, do medo da morte, do coração.
De tudo falava um pouco, e nas entrelinhas falava de coisas que não foram escritas em seus livros
de história.
Beleza, repúdio, orgulho...
Falava de amor. Falava de tudo!
A poesia que não foi escrita, falava do bem do mal, do santo, profano...*

*Falava de dor, tristeza, pavor...
Falava de lendas, de contos, guerreiros, de paz, de guerra, de luz.
Do Uirapuru, Boto, da Yara, mãe d'água, mãe da alma, do canto, da sedução, do encanto.
A poesia que não foi escrita falava da terra, da água, do ar.
Do canto dos pássaros, dos peixes, das matas, do arco-íris no céu de anil.
Falava da Princesa da Serra, amada, cobiçada, rica, por vezes maltratada, esperando um dia ser
valorizada.
Falava da minha procura, do desejo, da ternura.
A poesia que não foi escrita, falava dos igarapés, das praias, navios, canoas e barcos, do amor, da
Sumaúma de tudo!
A poesia que não foi escrita falava dos índios, ribeirinhos, das histórias contadas, faladas,
inventadas, contos de pescador.
Falava das noites estreladas, viagens marcadas, que em nossa alma foram eternizadas.
A poesia que não foi escrita falava de tudo um pouco, do bravo caboclo valente, a pequena jovem
insolente.
Do fundo do imenso mar. Ao mais alto que pude alcançar.
A poesia que não foi escrita falava, de ti Belterra, rainha do alto da Serra, da criação, da
comunhão.
Falava do que não foi registrado, do que não foi lembrado.
Falava de sonhos sonhados, que não foram realizados e que nos seringais foram plantados.
A poesia que não foi escrita, falava das revoltas, da religião, de amizade, da alma de salvação, do
Criador.
Falava dessa imensidão azul, da natureza amada que seu seio criou essa perola, a joia, que nesses
escritos é homenageada com amor.
Autor desconhecido*

A reflexão abordada, “*A poesia que não foi escrita*” de um autor desconhecido, permite entender a Geografia da Amazônia de Belterra do Tapajós, no contexto da Mesorregião do Baixo Amazonas, como um lugar de vida e de trabalho das múltiplas territorialidades no campo e na cidade e que possui relação intrínseca no espaço-tempo com a natureza: Terras-Águas-Florestas-Cidade.

O município de Belterra é um lugar de histórias, geografias, sonhos, encantamentos, simbologias, esperanças e belezas, mas também é um território de espacialização das lutas sociais, resistências e existências. Não é à toa que a teoria social trazida por Milton Santos sobre os “*Espaços da Globalização*” e Rogério Haesbaert “*Des-territorialização e identidade regional*” pressupõe entender a territorialização e a espacialização de uma Psicosfera hegemônica no lugar (Belterra do Tapajós), cuja ordem é global (Agronegócio), a partir da Exposição e Feira do Produtor de Belterra (Expofeibel).

Esse processo socioespacial e territorial materializa-se contraditoriamente, a (i) legitimidade de uma nova territorialidade identitária Sulista e Gaúcha no contexto das manifestações culturais tradicionais (festivais, festas, celebrações e competições) das populações belterrense tapajônicas, causadora de expressivas mudanças no lugar/cotidiano, criando estranhamentos e se desvelando como um projeto territorial de Anti/Des-Amazônia.

Neste sentido, este artigo tem como objetivo analisar a territorialidade da Expofeibel como uma Psicosfera no lugar e as transformações socioespaciais e (Re)existências presentes no lugar/cotidiano dos povos e comunidades tradicionais amazônicas a partir de uma nova territorialidade (2017-2020), no município de Belterra, Oeste do Pará, Mesorregião do Baixo Amazonas.

A escolha do método dialético se deve ao fato que essa realidade é entendida na relação entre as partes e o todo, ou seja, na totalidade (local/global). A “Totalidade significa: realidade como um todo estruturado, dialético, no qual ou do qual um fato qualquer (classes de fatos, conjuntos de fatos) pode vir a ser racionalmente compreendido” (KOSIK, 1976, p. 44).

Este trabalho é resultado de uma pesquisa de abordagem qualitativa, do tipo descritiva-exploratória. O caminho metodológico se deu por meio de: 1) *Revisão bibliográfica*: Santos (2000; 2012a; 2012b; Haesbaert (1997); Moreira (1956); Porto-Gonçalves (2011); Silva (2013, 2014, 2015); Conceição (2017); 2) *Revisão documental*: sites e documentos impressos de instituições/órgãos públicos, o(a) Incra, Mapa, Semat, Emater Belterra, Coplan e Prefeitura Municipal de Belterra; 3) *Trabalho de campo*: visitas *in loco*, observação direta e entrevistas com uso do caderno de campo com representantes de instituições públicas, sindicatos, associações, cooperativas, organizações e povos e comunidades tradicionais.

A Expofeibel é uma variável estranha e conflitante no lugar porque cristaliza uma Psicofera dialética “do mandar e do fazer”, “da ordem e da desordem”, “do centro e da periferia”, “do local e do global” e incorpora nova territorialidade e uma narrativa hegemônica de domínio e controle territorial, promotora da desintegração das práticas tradicionais (materiais e simbólicas) presente nos lugares. Essa nova identidade socioespacial, que vai do rio Tapajós, passando pela cidade de Belterra, até chegar à rodovia BR-163, configura-se como a negação/invisibilidade de práticas festivas do lugar, caracterizada por sua dimensão multicultural, comunitária e representativa: o *Puxirum*³ da Bela Terra do Tapajós.

ESPAÇOS DA GLOBALIZAÇÃO: A PRESENÇA DA TECNOSFERA E PSICOSFERA NO LUGAR E NO COTIDIANO

Os espaços da globalização é um processo de internacionalização das relações capitalistas que se concretiza por meio da produção, fluxo e técnicas. A inter-relação entre sistemas de objetos e sistema de ações é uma totalidade de ordem espacial complexa, na qual modifica a lógica dos lugares na sua dimensão social, cultural, política e econômica. A Tecnofera e a Psicofera surgem como uma noção totalitária entre objeto e ação, que se concretiza no espaço geográfico, resultando na ordem: Local \times Global.

A natureza da globalização: uma discussão de Tecnofera e a Psicofera

A teoria social do espaço em Milton Santos para explicação da realidade concreta atual é que a melhor expressa a compreensão dos “Espaços da Globalização”, entendida como Tecnofera e Psicofera. O mundo se torna cada vez mais científico e informacional e a ordem local se torna mais subordinada a uma ordem global que metamorfoseia substantivamente a lógica dos lugares em suas múltiplas dimensões e escalas espaciais e introduzem forçadamente numerosos estranhamentos.

O momento atual, denominado por Santos (2012a; 2000) de período *Técnico-Científico-Informacional*, é a junção da técnica, ciência e informação, que permite pensar a técnica e suas ações derivadas como um produto fundamental à compreensão do espaço e a totalidade do mundo e dos lugares (SANTOS, 2012a). Tais modalidades que formam uma totalização complexa no espaço geográfico são marcadas pela tecnicidade, temporalidade e intencionalidade.

Para Santos (2012a; 2012b), o espaço é definido como um conjunto indissociável de sistema de objetos e sistema de ações, cujas coexistências de ordem espacial onde as coisas acontecem são marcadas pela unicidade da técnica e a convergência dos momentos (SANTOS, 2000). O fenômeno técnico modifica o meio natural, a organização social e o estado político/econômico do processo produtivo, configurando-se em uma globalização que se materializa no espaço-tempo, produzindo um mundo mais artificializado e com novas formas-conteúdo. O mundo é compreendido a partir da totalidade, que auxilia no entendimento da dialética entre o geral e o particular (SANTOS, 2012a), cuja manifestação empírica é a natureza da globalização nos lugares.

Os reflexos dos espaços da globalização e os rearranjos produzidos simultaneamente formam o mosaico das técnicas e a operacionalização do uso das técnicas de acordo com o tempo. “A globalização não é apenas a existência desse novo sistema de técnicas. Ela é também o resultado das ações que asseguram a emergência de um mercado dito global, responsável pelo essencial dos processos políticos” (SANTOS, 2000, p.12). O avanço da unicidade técnica produz um espaço mais socialmente artificializado e cientificizado no campo e na cidade.

É na operacionalização de suas bases técnicas que o capital global engendra a globalização perversa (SANTOS, 2000). Essa dialética da natureza da globalização é perversa porque impõe normas no território, criando áreas do mandar e áreas fazer (SANTOS; SILVEIRA, 2001), acirra a aceleração no tempo e no espaço e fundamenta a tirania do dinheiro, da informação e da concorrência, resultando em uma política de desfalecimento do Estado e desabrochando uma política comandada pelas empresas multinacionais (SANTOS, 2000).

Essa perversidade da globalização é realçada em diferentes lugares, pois o lugar é uma categoria geográfica que permite empiricizar a totalidade-mundo. A ciência e a tecnologia são a base da implementação das metamorfoses espaciais, uma vez que se projeta ontologicamente no espaço a tecnificação e cientificização, desvelando-se na: Tecnosfera e Psicosfera.

Ao mesmo tempo em que se instala uma tecnosfera dependente da ciência e da tecnologia, cria-se, paralelamente, e com as mesmas bases, uma psicosfera. A tecnosfera se adapta aos mandamentos da produção e do intercâmbio e, desse modo, frequentemente traduz interesses distantes; desde, porém, que se instala, substituindo o meio natural ou o meio técnico que a precedeu, constitui um dado local, aderindo ao lugar como uma prótese. A psicosfera o reino das ideias, crenças, paixões e lugar da produção de um sentido, também faz parte desse meio ambiente, desse entorno da vida, fornecendo regras à racionalidade ou estimulando o imaginário. Ambas – tecnosfera e psicosfera – são locais, mas constitui o produto de uma sociedade bem mais ampla que o lugar. São inspiração e suas leis têm dimensões mais amplas e mais complexas (SANTOS, 2012a, p. 256).

Os espaços da globalização nada mais é do que a relação indissociável estabelecida entre Tecnosfera e uma Psicosfera. A tecnosfera é materialidade do fenômeno técnico por meio de suas formas espaciais e a psicosfera é a concepção ideológica e a praticidade dos discursos hegemônicos que dão significado ao caráter estrutural e multidimensional do capital global. “A tecnosfera é o mundo dos objetos, a psicosfera é a esfera da ação” (SANTOS, 2012a, p. 257). Há a complementaridade entre Tecnosfera e uma Psicosfera,

pois ambas formam uma totalização socioespacial operando conjuntamente, na qual produz um meio técnico-científico-informacional atrelado por ambiguidades e perplexidades.

Tecnosfera e psicosfera são redutíveis uma à outra. O meio geográfico atual, graças ao seu conteúdo em técnica e ciência, condiciona os novos comportamentos humanos, e estes, por sua vez, aceleram a necessidade da utilização de recursos técnicos, que constituem a base operacional de novos automatismos sociais. Tecnosfera e psicosfera são os dois pilares com os quais o meio científico-técnico introduz a racionalidade, a irracionalidade e a contrarracionalidade, no próprio conteúdo do território (SANTOS, 2012a, p. 256).

A Tecnosfera e a Psicosfera produzem geoestratégias de controle e domínio territorial e espacializam narrativas da modernização que se (re)produzem no espaço geográfico, originando novas territorialidades. Introduz um conteúdo de densidade informacional, técnica e comunicacional nos lugares, pois a existência da conexão entre esses três elementos que se cristalizam nos espaços da globalização são indissociáveis do ponto de vista relacional (ações e objetos), corporificados por meio de uma “solidariedade” organizacional.

Neste contexto, em um mundo dito globalizado, a compreensão do lugar demonstra que os lugares se manifestam por sua singularidade e na dimensão do cotidiano que se torna mais compartimentada sob ação de forças hegemônicas globais. Essa contiguidade, cujo estado de ordem é direcionado na escala-mundo, é reflexo da divisão territorial e internacional do trabalho, da especialização produtiva e da fragmentação no espaço decorrente do avanço processual do modo de produção capitalista preexistentes no campo e na cidade.

Amazônia globalizada do agronegócio: a territorialidade da Psicosfera no lugar/cotidiano

O avanço do capital global na Amazônia, materializado no agronegócio, apresenta cada vez mais *manchas* do período técnico-científico-informacional (SANTOS, 2012a), cristalizando-se em diferentes lugares e modificando as lógicas de contiguidade, copresença, coexistência entre os sujeitos sociais, a partir da territorialização de uma Psicosfera. “Trata-se de modificações territoriais resultante do movimento da economia globalizada que se realiza de forma pontual ou em mancha, o que indica a mutabilidade do meio geográfico” (SILVA, 2015, p. 09).

O movimento espacial do capital global em seu caráter geográfico se concretiza a partir da expansão e reprodução de capital (HARVEY, 2006). Manifesta-se como um processo excludente, desigual e de negação do ser humano e da natureza, pois além gerar metamorfoses na sua base técnica, instaura transformações na dimensão simbólica-identitária, com o surgimento de uma nova territorialidade marcada pelo conflito de atributos históricos entre os que chegam e os já estavam (HAESBAERT, 1997).

Para o autor, esses conflitos se sedimentam nas formas de operar, sentir e viver. Não há apenas uma apropriação de caráter estatal e econômico (material e concreta), mas uma apropriação do imaginário, do simbólico, configurando no território, uma identidade socioespacial, na qual inclui nesse debate a dimensão cultural.

A Amazônia é permeada de multiterritorialidades e uma diversidade sociocultural expressiva (HAESBAERT, 1997; MOREIRA, 1956; PORTO-GONÇALVES, 2011). Portanto, a chegada do externo entra em conflito com as práticas espaciais desenvolvidas pelos sujeitos do lugar, gerando disputas territoriais e estranhamentos em virtude da

territorialização de novos sistemas de objetos e sistemas de ações. Num mundo hierarquizado economicamente globalizado, a multiterritorialidade no entendimento de espaço-tempo, desvenda identidades que são ativadas em detrimento de outras (HAESBAERT, 1997).

As dinâmicas agrárias e territoriais acirram as disputas pela terra e pelo território e instauram transformações socioculturais nos modos de vida das populações amazônicas. Isso porque há “estratégias de objetivação dos projetos sociais e econômicos em latentes conflitos” (SILVA, 2013, p. 71). Os conflitos e as conflitualidades são frutos de projetos territoriais hegemônicos que solidificam estruturalmente e processualmente os lugares, cuja ordem global é identificada não apenas na produção de *commodities*, mas o controle se dá pelas grandes corporações do agronegócio.

A tecnificação e cientificação da paisagem (SILVA, 2013; 2014) empregadas na agricultura capitalista fazem emergir uma modernização produz interdependências entre campo e na cidade (SILVA, 2013; 2014). A territorialização do agronegócio na Amazônia cristaliza uma Tecnosfera e uma Psicosfera da “modernização” do espaço agrário e a cidade torna um *locus* de realização dos fluxos, pois além de possuir centralidade e controle político-administrativo-econômico, fornece insumos e maquinários para atender a produção agrícola em larga escala no campo, resultando na modificação de sua estrutura espacial e no acirramento dos conflitos de interesses nos lugares.

Somente alguns lugares são efetivamente preparados ou transformados para receberem leques de mudanças que se estruturam no amoldamento do meio técnico-científico-informacional, sendo este o novo meio geográfico em que se condensam os conflitos dos diversos agentes na produção contemporânea do território, cujas funcionalizações aproximam os lugares, formando uma produção raciocinada do espaço (SILVA, 2013, p. 70).

A revelação de uma Amazônia cada vez mais globalizada é representada (i) materialmente por meio: estrutura, processo, forma e função (SANTOS, 2012b). A agricultura globalizada do agronegócio nos lugares amazônicos introduz novas funcionalidades e formas espaciais, alterando o panorama e as relações do lugar e do cotidiano. O lugar se torna mais global, as relações de proximidade e o sentido da existência singular que os sujeitos ocupam são ressignificadas por uma hegemonia da globalidade.

A dimensão espacial do cotidiano é explicada sob a lógica dos fluxos e fixos globalizados, cujas coexistências são transformadas historicamente, socialmente, culturalmente, economicamente e politicamente, reintroduzindo estranhamentos e compartimentações nos lugares. Para Santos (2012a, p. 321), “a localidade se opõe à globalidade, mas também se confunde com ela. O mundo, todavia, é nosso estranho”. Ao mesmo tempo em que são pares dialéticos se complementam. Na Amazônia, o estranhamento do mundo no lugar se torna frequente, e a vida cotidiana nos espaços globalizados é permeada por novas funcionalidades e assumem uma nova identidade socioespacial.

Esse processo é identificado por conta de uma Tecnosfera e Psicosfera globalizada que se instaura no lugar e no cotidiano e promove mudanças nos espaços vividos e nas formas de relacionar a natureza. A presença de uma Psicosfera na Amazônia é a manifestação de uma territorialidade perversa que visa “desamazonizar”, desregular e desintegrar não apenas a natureza, mas as (co)existências das populações que expressam manifestações culturais variadas e que (Re)existem frente as forças hegemônicas do modo de produção capitalista.

TERRITORIALIDADE DA PSICOSFERA DA EXPOFEIBEL NO MUNICÍPIO DE BELTERRA/PA

A territorialidade do agronegócio na Amazônia do Oeste do Pará, por si só é um projeto violento e uma Psicofera do estranhamento. O lugar e as relações cotidianas são cada vez mais influenciados por variáveis externas. Concretiza-se uma Anti/Des-Amazônia que impõe forçosamente uma lógica externa ao lugar e cristaliza violências física, simbólica e identitária, que deixa marcas profundas nas territorialidades e espacialidades amazônicas!

Expofeibel: Origem, intencionalidades, estranhamentos e discurso hegemônico

A territorialização do agronegócio no município de Belterra transformou não apenas as dinâmicas socioespaciais e socioterritoriais da população belterrense do campo e da cidade (CONCEIÇÃO, 2017), mas interferiu nas relações socioculturais (eventos festivos) e socioeconômicas (produção/comercialização) do/no/para lugar e cotidiano, eclodindo uma Psicofera do Agrobusiness. A hegemonia da agricultura capitalista na Amazônia de Belterra do Tapajós, coisificada no *Agro-Pop-Tech-Tudo*, é carregada por discursos ideológicos, estranhamentos e apropriação territorial (material e imaterial), resultado de um processo dialético de tamanha complexidade socioespacial.

Os antagonismos gerados por um projeto anti/des-território alterou a configuração territorial de Belterra, identificado por meio da Expofeibel. A imposição de uma territorialidade forçada e classista pela Expofeibel, de cima pra baixo e sob uma perspectiva de um olhar externo (sulista e do centro-oeste), é um evento organizado pela Prefeitura Municipal de Belterra por meio da Secretaria Municipal de Agricultura (Semagri), com o expresse apoio da burguesia agrária do agronegócio, realizado na Praça Brasil no centro de Belterra, ocorrido de 31 de agosto a 2 de setembro de 2018.

O ano de 2018, no que tange as manifestações culturais, é o marco de mudanças nas dinâmicas e práticas socioespaciais, ano em que ocorreu a I Edição da Expofeibel (Figura 1). É o ingresso de uma cultura como mercadoria, uma nova identidade socioespacial, uma ação de legitimidade da propriedade privada da terra e um campo de disputas de territorialidades, pois o discurso no ato da divulgação da 1ª Expofeibel coloca a agricultura e o extrativismo desenvolvido no município pelas populações do lugar no mesmo patamar que o agronegócio, cuja sistematização empírica não expressa essa realidade, que desumaniza os povos e comunidades tradicionais amazônicas.

É como se a agricultura camponesa do lugar (policultura/diversificada, trabalho familiar, subsistência/renda, mercados local/regional) tivessem as mesmas funcionalidades e o conteúdo que a *agricultura capitalista* globalizada (monocultura/não diversificada, trabalho por meio da mecanização, acumulação de capital e negócio, mercados globais). As formas de usos do território não dialogam entre si, as relações de proximidades do lugar e a dimensão espacial do cotidiano belterrense vivem outra temporalidade, ou seja, da Amazônia (CONCEIÇÃO, 2017; CONCEIÇÃO; RIBEIRO; SILVA, 2019).

Nesse contexto, a relação local x global são ações espaciais e manifestações culturais e territoriais díspares, que segundo Santos (2012a, p. 321) “a localidade se opõe à globalidade, mas também se confunde com ela. O mundo, todavia, é nosso estranho”. A influência de variáveis externas (agronegócio) agindo no lugar (Beltterra) tem causado muitos estranhamentos nas múltiplas territorialidades preexistentes na Amazônia do Tapajós.



Fonte: Arquivo da Prefeitura Municipal de Belterra (2018).

Figura 1. Cartaz de divulgação da 1ª Edição da Expofeibel.

A Cavalgada da 1ª Expofeibel é uma realidade inusitada para o contexto belterrense, cuja concentração e a partida inicial saíram da Estrada 10 e percorreram várias ruas da cidade até chegar a Praça Brasil, ponto de chegada e o local onde acontece o evento. A presença de rodeios e shows agropecuários não representa uma “Concepção das Amazônias”, mas esse processo dialógico se manifesta como uma “Invenção de Amazônia” (MOREIRA, 1956; PORTO-GONÇALVES, 2011), que é construída sob um olhar exógeno, por meio da apropriação sociocultural e da imposição de um padrão cultural sulista, conforme consta na justificativa apresentada no documento pela Prefeitura de Belterra para ocorrência deste evento.

A aquisição do objeto desta licitação compõe como umas das prioridades, visto que é uma das metas estabelecidas deste governo, e encontra-se em total acordo com as disposições dos recursos destinados ao seu comprimento, percebe-se a necessidade de tal contratação, pois o evento é uma tradição cultural deste município que será realizada em 03 (três) dias com apresentação de bandas e exposição de produtos da agricultura familiar, artesanatos, animais e plantas ornamentais, Visando o destaque e padronização dos colaboradores e organizadores do evento ver-se-á a necessidade inclusive da aquisição das camisas confeccionadas padrão para o evento (BELTERRA, 2019, s.p).

Na ótica dos externos do lugar, a Expofeibel deve fomentar “cultura” e “tradição” para o município, devendo este evento fazer parte do cotidiano e dos valores culturais da população belterrense, pois a expansão do agronegócio no município retrata o lema: “*Belterra Livre para o Progresso*”. A territorialização da Psicosfera do agronegócio nega/subordina/ameaça multiculturas, existência de vidas e práticas espaciais desenvolvidas pelos grupos étnicos na Belterra do Tapajós. Assim, a noção totalitária e complexa implica nos lugares mudanças estruturais, ideológicas, econômicas, políticas, simbólicas e do imaginário, pois para Santos (2012b) a estrutura espacial, ou seja, o espaço organizado pelo ser humano e as demais estruturas sociais é uma estrutura subordinada-subordinante.

II Expofeibel: transformações do lugar, dialéticas territoriais e nova territorialidade

O espaço agrário, citadino, hídrico e florestal de Belterra, na qual abrange o encontro da Geografia do Rio (Tapajós) com a Geografia da Estrada (Cuiabá-Santarém ou BR-163) (CONCEIÇÃO; RIBEIRO; SILVA, 2019), existem territórios sendo disputados materialmente e ideologicamente, sobretudo, a partir da territorialização do capital do *agrobusiness* e de uma complexa modernização territorial. Esse processo carregado de incongruências é identificado não somente na espacialização produtiva das *commodities*, mas a partir do ingresso da dimensão de uma nova identidade regional no lugar, como é caso emblemático da Expofeibel.

A II Edição da Expofeibel (Figura 2), ocorrida de 30 de agosto a 1 de setembro de 2019, é a continuidade de um projeto intencional e permanente do agronegócio no município de Belterra. É considerada, atualmente, como uma das principais atividades festivas no oeste paraense, perdendo somente para a cidade de Santarém, onde acontece a Feira Agropecuária e Agroindustrial⁴. “Tal processo é criador de ambiguidades e de perplexidades, mas também de uma certeza dada pela emergência da cidade como um lugar político, cujo papel é duplo: ela é um regulador do trabalho agrícola” (SANTOS, 2000, p. 45).

Para a Prefeitura Municipal de Belterra, essa festa na cidade é a forma de celebrar e fomentar a produção familiar no município, destacando as potencialidades e objetivando demonstrar para a população local que esse “modelo de desenvolvimento” tem proporcionado a geração de políticas públicas, o que de fato é uma contradição desvelada, pois conforme os estudos de Conceição (2017) as políticas públicas estão mais para atender ao setor do agronegócio do que para a produção agroextrativista dos povos e comunidades tradicionais do campo e daqueles que vivem na cidade.



Fonte: Arquivo da Prefeitura Municipal de Belterra (2019).

Figura 2. Cartaz de divulgação da 2ª edição da Expofeibel.

Um processo licitatório foi aberto por meio da Administração Pública para a realização da 2ª Expofeibel, não sendo o processo adjudicado, este foi homologado. A Secretaria Municipal de Abastecimento por meio de sua ordenadora Secretaria Municipal de Administração, Planejamento e Finanças-SEMAF foram encarregadas de solicitar a contratação da empresa para a prestação dos serviços pertinentes no evento.

A Secretaria Municipal de Administração, finanças e planejamento, através da Pregoeira Oficial da Prefeitura Municipal de Belterra, designado pelo Portaria nº123/2019, torna público para conhecimento de todos os interessados que fará realizar licitação na modalidade PREGÃO em sua forma PRESENCIAL, do tipo menor preço por LOTE (...).

O procedimento licitatório obedecerá integralmente à legislação que se aplica à modalidade Pregão Lei Federal nº 10.520/2002, de 17/01/2002, e subsidiariamente, pela Lei Federal nº 8.666/1993, com as devidas alterações, Lei Complementar 123/2006 demais normas pertinentes, bem como, lei complementar nº 155/2016 (...). (BELTERRA, 2019, s.p).

O Edital do Pregão Presencial nº 048/2019-Semaf, com data de abertura em 07 de agosto de 2019, foi responsável por apresentar como objeto do certame a contratação

de empresa para locação (Quadro 1 e Quadro 2) com montagem de palco, sonorização, iluminação e estruturas e fornecimento de camisas para atender o evento Expofeibel 2019.

Quadro 1. Especificação do objeto da Licitação para a contratação de uma empresa, Lote 01.

LOTE 01					
Item	Descrição	Und	Qtd	Valor Unitário	Valor Total
01	Camisas confeccionadas de tecido PV, gola normal, com estampa na manga com emblema da Prefeitura Municipal de Belterra, e estampa na frente da camisa com o emblema do rodeio para o evento Expofeibel 2019.	UND	250	R\$ 23,83	R\$ 5.957,50
TOTAL.....: R\$ 5.958,33					

Fonte: Poder Executivo da Prefeitura Municipal de Belterra (2019). Adaptação: Autores (2020).

Quadro 2. Especificação do objeto da Licitação para a contratação de uma empresa, Lote 02.

LOTE 02					
Item	Descrição	Und	Qtd	Valor Unitário	Valor Total
01	Locação de palco treliçado para apresentação dos shows e convidados medindo 8,60x6,40 (CxLxA), com corrimão, escadas e parapeitos, cobertura de lona, extintores. Documentação do corpo de bombeiros em dia.	Diárias	03	R\$ 7.333,33	R\$ 21.999,99
02	08 subgrave de 03 Mill WTS cada uma	Diárias	03	R\$ 1.766,66	R\$ 5.299,98
03	08 Laynes de 900 WTS cada uma	Diárias	03	R\$ 2.066,66	R\$ 6.199,98
04	01 Mesa de 32 canais ou 01 mesa digital de 24 canais	Diárias	03	R\$ 766,66	R\$ 2.299,98
05	Amplificadores de 25 Mill WTS de potência	Diárias	03	R\$ 866,66	R\$ 2.599,98
06	Amplificadores de 7,500 Mill WTS de potência	Diárias	03	R\$ 800,00	R\$ 2.400,00
07	02 Saydes retornos	Diárias	03	R\$ 733,33	R\$ 2.199,99
08	02 Retorno de voz	Diárias	03	R\$ 566,66	R\$ 1.699,98
09	01 bateria completa	Diárias	03	R\$ 500,00	R\$ 1.500,00
10	Cabos para instrumentos de palco	Diárias	03	R\$ 433,33	R\$ 1.299,99
11	04 Microfones sem fio de 150 metros de frequência	Diárias	03	R\$ 633,33	R\$ 1.899,99
12	12 canhões de Leds 3 WTS cada um	Diárias	03	R\$ 686,66	R\$ 2.059,98
13	15 canhões de Leds 1 WTS cada um	Diárias	03	R\$ 766,66	R\$ 2.299,98

Fonte: Poder Executivo da Prefeitura Municipal de Belterra (2019). Adaptação: Autores (2020).

Esse planejamento orçamentário e toda a estrutura descritos e contidos no Termo de Referência são para atender os três dias do acontecimento da Expofeibel. Isso porque nas narrativas do governo municipal e de uma burguesia agrária do agronegócio que se formou no campo, migrantes denominados de gaúchos latifundiários, esse evento é vislumbrado sob o prisma de uma “prática cultural tradicional” para o município de Belterra. Entretanto, essa percepção espacial capitalista entra em conflito com outras manifestações socioculturais do local, haja vista que a complexidade do processo de desterritorialização atribuída à modernização sulista entra em confronto com a “tradição” das populações locais (HAESBAERT, 1997).

As comunidades do campo participam em umas barracas destinadas em pontos específicos, com suas exposições e comercialização dos objetos produzidos, extraídos e confeccionados do/no lugar. Contudo, a centralidade do evento é do agronegócio, com exposição e comercialização de maquinários, veículos, animais, insumos, pesticidas, fertilizantes; disponibilização de créditos para a agropecuária por meio do Sistema de Crédito Cooperativo (Sicred); e a ocorrência de atrações, a exemplo dos rodeios, competições por meio de desfiles e shows musicais.

As intencionalidades e a espacializações da classe do gauchismo rural e latifundiário requerem uma unificação regional e uma homogeneização cultural imposta do exterior (HAESBAERT, 1997). É a presença de uma nova identidade socioespacial no lugar e do poder exercido pelos “coronéis do agronegócio” que mandam e desmandam geoestrategicamente no território belterrense tapajônico e tentam alternar o panorama simbólico, da memória e do imaginário construídos coletivamente pelos sujeitos que vivem, experienciam e trabalham no lugar.

O “tradicionalismo” gaúcho o monopólio da tradição, como se somente a sua cultura, os seus costumes e a sua história tivessem valor, valessem a pena ser cultuados, rememorados, como se apenas eles tivessem “origens”, memória, identidade. Num sentido mais amplo, isso reflete a distinção que, evada de preconceito, separa dois dos principais grupos migrantes do país: o dos sulistas, descendentes de imigrantes europeus, que se dizem os arautos da tradição (HAESBAERT, 1997, p. 83).

A nova territorialidade do agronegócio cristalizada pela Expofeibel prolifera um discurso hegemônico de uma Psicosfera de acolhimento, integração e “desenvolvimento” local. Todavia, essa ação capitalista des-territorializadora, é resultante de migrantes “gaúchos” que se deslocam para a Amazônia em busca de terras baratas e para a acumulação de capital, instaurando novas identidades gaúchas no contexto local e regional, que reforçam gradativamente, desintegrações nos modos de vida locais e desigualdades socioespaciais generalizadas, deixando à/margem as populações do lugar na sua totalidade.

TRANSFORMAÇÕES SOCIOESPACIAIS NA GEOGRAFIA DO LUGAR DE BELTERRA DO TAPAJÓS: EXPOFEIBEL E PUXIRUM DA BELA TERRA

A priori, a Geografia do Lugar é a crosta da existência, coexistência e copresença, operacionalizada nas subjetividades e no cotidiano. *A posteriori*, os Espaços da Globalização são a crosta do avanço do capitalismo germinada na unicidade/padronização

das técnicas. O lugar no global e o global no local são processos perversos e estranhos que transformam e negam múltiplas (re)existências e manifestações espaciais, territoriais e socioculturais das populações e comunidades amazônicas!

Mudanças estranhas no lugar/cotidiano e a dialética no território

A territorialidade do rodeio *country* do agronegócio e os elementos simbólicos trazidos pelas festas gaúchas e sedimentados na I e II Expofeibel reforça a ideia de Bernardes (2007) de que a cultura popular não está fora da cultura dominante, até porque a dominação implica que a cultura popular não esteja de fora, pois também se apropria de elementos da cultura dominante. Essa ação é evidente, no momento que o processo de ressignificação cultural se espacializa, com a participação dos sujeitos do lugar nos eventos de ordem externa, ainda que as estratégias de resistências do/no lugar estejam latentes no cotidiano.

Muito se questiona quais os interesses possuem os articuladores do evento e a quem a Expofeibel atende. Não é um questionamento difícil de desvendar, é um projeto territorial hegemônico de escala de alcance nacional e global, cujo alvo é a delimitação e demarcação da Psicosfera do agronegócio latifundiário nos lugares da Amazônia.

A categoria de “produtor rural”, nesse contexto socioespacial da Expofeibel, está voltada para uma agricultura de mercado global, corporativista e monopolista, divergindo antagonicamente das práticas agriculturares (roças) e extrativas (vegetal-produtos da floresta e animal-caça e pesca) tradicionais e do lugar. Esse evento geográfico corrobora com a tese de que lógica, o processo e a escala nessa relação espaço-tempo não dialogam entre si (CONCEIÇÃO, 2017), porque o agronegócio quer (i)legalizar e introduzir à força sua territorialidade capitalista por meio da difusão de uma Psicosfera de uma “cultura tradicional” que não é amazônica, mas “gaúcha”, da “branquitude do território”, de cunho classista que impetra sua superioridade.

Além da tecnificação dos territórios, da cientificização das paisagens e da espacialização dos conflitos agrários/territoriais resultante das (ir)racionalidades criadas pelo modo de produção capitalista, a Expofeibel realça um racismo estrutural nos múltiplos territórios materiais e culturais no espaço tapajônico belterrense. Essa abordagem dialoga com Haesbaert (1997), pois segundo o autor, o racismo sulista enaltecido pelos “gaúchos” valoriza e tende a estereotipar um estilo mais europeu (ou germânico), ou seja, da padronização de “embranquecimento” e da “civilidade” no território.

Esse evento socioespacial Expofeibel é antidemocrático, antiterritório, antiamazônico, antinatureza, antimulticulturalidade, porque se desvela como um dispositivo estranho e que saqueia populações amazônicas, promovendo a negação de direitos humanos, territoriais, culturais, históricos e interpessoais de grupos étnicos do espaço belterrense tapajônico.

Quadro 3. Atividades realizadas e presentes na programação da I Expofeibel.

DATAS	31/08	01/09	02/09
Atividades Realizadas	Cultos ecumênicos, vistas aos estandes, ação social (SEMTEPS), jogos de futebol, atendimento de saúde (SEMSA), apresentação da candidata à rainha de rodeio, rodeio mirim, rodeio profissional, bingo e shows.	Visitas aos estandes, atendimento de saúde (SEMSA), jogos de futebol (torneio), rodeio mirim, disputa berrante, rodeio profissional, bingo, eliminatória candidata à rainha do rodeio e shows.	Jogos de futebol, passeio ciclístico, cavalgada, costelão (almoço), semifinal do rodeio, bingo, escolha da candidata à rainha do rodeio, encerramento com queima de fogos e shows.

Fonte: Prefeitura Municipal de Belterra (2018). Organização: Autores (2020).

Quadro 4. Atividades realizadas e presentes na programação da II Expofeibel

DATAS	30/08	31/09	01/09
Atividades Realizadas	Cultos ecumênicos e café da manhã, vistas aos estandes, atendimentos e ações da secretaria (Semsa, Semat, Semteps, Semed, Semagri), feirão da energia solar e créditos agropecuários, apresentação da candidata à rainha de rodeio, mesa da amargura, rodeio profissional e shows.	Visitas aos estandes, atendimentos e ações da secretaria (Semsa, Semat, Semteps, Semed, Semagri), feirão da energia solar e créditos agropecuários, escolha da rainha da feira, mesa da amargura, rodeio profissional e shows.	Jogos de futebol, costelão (almoço), escolha da candidata à rainha do rodeio, encerramento com queima de fogos e shows.

Fonte: Prefeitura Municipal de Belterra (2018). Organização: Autores (2020).

As informações listadas na programação da 1ª Expofeibel (Quadro 3) e a 2ª Expofeibel (Quadro 4) possuem nas suas formas-conteúdos uma dimensão cultural-identitária, cuja ordem obedece ao capital global do agronegócio. A territorialidade sulista gaúcha introduz uma nova composição de símbolos exógenos que dão novos significados ao lugar e contribui com a ressignificação e no enfraquecimento das relações do/no lugar e cotidiano.

Esse projeto de evento não é pensado levando em consideração o desenvolvimento (humano, cultural, econômico, político e ambiental) oriundo da agricultura camponesa diversificada e das atividades extrativistas (caça, coleta e pesca) praticadas pelos povos e comunidades tradicionais (indígenas e ribeirinhos) que garante a soberania alimentar, fonte de renda e reprodução social em suas múltiplas temporalidades, espacialidades e territorialidades. Apesar de se destinar algumas “barracas” de exposição e comercialização de seus produtos pelas populações locais, essa ação legítima empiricamente e (in) constitucionalmente a subordinação e exclusão das populações do município de Belterra, colocando-as à/na margem no interior do modo de produção capitalista.

A Expofeibel é uma variável tão estranha e conflitante no lugar porque prega uma Psicosfera dialética “do mandar e do fazer”, “da ordem e da desordem”, “do centro e da periferia”, “do local e do global”, introduzindo novas simbologias, relações identitárias e uma narrativa da dominação que vislumbra, sobretudo, a “modernização do território” e objetiva ruptura com o tradicional dos lugares. Sob a ótica da agricultura capitalista, o modo de vida das populações de Belterra é sinônimo do atraso, na qual o capital nega as práticas socioespaciais/socioterritoriais e as atividades tradicionais festivas do lugar, formadora de uma totalidade multicultural comunitária expressiva, o *Puxirum da Bela Terra do Tapajós* (CONCEIÇÃO; COSTA SILVA, 2020)..

Territorialidade da Psicosfera na Expofeibel e o Puxirum da Bela Terra: ações e (Re)existências

A I Expofeibel (2018) e a II Expofeibel (2019) se configura como a hegemonia da classe dominante do setor do *agrobusiness*, na qual interfere nas lógicas multifacetadas das multiterritorialidades sob uma perspectiva identitária e simbólica, concretizadas nos lugares em Belterra do Tapajós. A presença da territorialidade dos “coronéis do agronegócio latifundiário” é marcada por geoestratégias de controle e domínio dos territórios culturais, que metamorfoseiam o panorama e o mosaico socioespacial, instaurando uma Psicosfera do estranhamento.

Essa nova identidade socioespacial presente no circuito territorial no município de Belterra, que abrange desde o rio Tapajós, passando pela cidade, até alcançar a rodovia BR-163. Esse processo é entendido como (ir)racionalidade capitalista causadora de conflitos agrários e territoriais. O fato é que a Expofeibel seja no seu condicionante material ou no mundo das ideias, vem validando transformações nas manifestações culturais por meio da imposição de uma nova territorialidade: sulista ou “gaúcha”.

O governo municipal de Belterra em parceria com o setor do agronegócio contribuiu “solidariamente” para o avanço das relações capitalistas que atinge outras territorialidades: na cidade e no campo, cujas existências estão enraizadas nas Terras-Águas-Florestas-Cidades. Além de legitimar as taxas de desmatamentos, a expropriação da população do campo-cidade e campo-campo, o aumento da pressão sob áreas protegidas e de assentamentos rurais⁵, o evento da Expofeibel, dita regras e ordens a serem seguidas e cumpridas pelos sujeitos do lugar.

O evento festivo além de territorializar novos sistemas de objetos no espaço agrário/hídrico/florestal/cidadino e desenvolver sua lógica desigual, excludente e combinada, configurando-se como Tecnosfera, revela-se uma Psicosfera alheia ao lugar, alienadora do território e de negacionismo da natureza, da vida e do trabalho social dos povos e comunidades tradicionais tapajônicas campo/cidade.

O município de Belterra tem uma notória agricultura diversificada (roças com o sistema de corte-queima), cujo trabalho é familiar e um extrativismo abundante voltado para subsistência (caça, pescado e coleta de frutas regionais) e para fins medicinais (plantas fitoterápicas, cascas e folhas de árvores, frutos e raízes). São dessas principais atividades econômicas que as populações tiram sua renda, com destaque ainda, para a gastronomia (peixes e frutas regionais) e o artesanato, demarcando uma dimensão simbólica e uma identidade Tapajônica.

Para além disso, o município possui muitas manifestações culturais que são do lugar e de grande representatividade identitária-simbólica, caracterizando o modo de vida amazônico. Esses eventos culturais fazem parte do calendário festivo da cidade (Quadro 5), sendo que no Inventário de Belterra consta uma lista dos principais eventos programados anualmente (festivais, festas, celebrações e competições).

Além do carnaval Belterra Folia, aniversário da cidade, gincana cultural e a corrida de Santo Antônio, existem os festivais tradicionais que são determinantes para as territorialidades dos povos e comunidades tradicionais que vivem e trabalham das/nas Terras-Águas-Florestas-Cidade.

A realização e organização de festivais, gincanas e outras comemorações são as principais manifestações culturais que mais se destacam no município de Belterra, mas não são os únicos. Existem os eventos culturais localizados, haja vista que são manifestações culturais desenvolvidas nas comunidades de forma coletiva ou em mutirões, intituladas de Puxirum. O trabalho mútuo e solidário é determinante nesse processo socioespacial, e os preparativos para o acontecimento das festividades nas localidades depende do envolvimento e cooperação dos próprios comunitários onde está previsto o evento, bem como da participação e colaboração de outras comunidades.

Quadro 5. Principais eventos culturais da cidade de Belterra.

Mês	Eventos	Local	Realização/Coordenação
Fev	Belterra Folia Festival Chaperema	Centro de Belterra Comunidade Jaguarari	Prefeitura Municipal de Belterra Comunitários de Jaguarari e apoio da Cooperativa Mista da Flona Tapajós (COMFLONA)
Abr	Festival do Cupuaçu	Centro de Belterra	Associação Cultural, Esportiva e Educativa Raça (ASBELCEER) e apoio da Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Pará (EMATER)
Mai	Aniversário de Belterra e Gincana Cultural das Equipes Raça e os Piratas	Centro de Belterra	Secretaria Municipal de Administração, Planejamento e Finanças (SEMAF), Coordenação Municipal de cultura (Prefeitura Municipal de Belterra)
Jun	Festividades de Santo Antônio Padroeiro da cidade e Maratona de Santo Antônio	Centro de Belterra. Largada do Trevo (Km 36) até a Matriz de Santo Antônio, Centro de Belterra	Paróquia de Santo Antônio, Prefeitura Municipal de Belterra e Secretaria Municipal de Educação Cultura e Desporto (SEMED)
Jul	Festival do Milho Festival das Iaras: Festiara na disputa das Iaras	Centro de Belterra Comunidade Aramanáí	Associação Cultural Educativa e Desportiva Os Piratas (ACEDESPI) Comunitários de Aramanáí
Ago	Festival da Mandioca	Bairro de São José, Coração da Estada Oito	Associação de Moradores do Bairro São José-AMBASJO Estrada oito e apoio da Escola Darcy Vargas e Prefeitura Municipal de Belterra
Set	Festival do Tucunaré	Comunidade de Pini	Comunitários de Pini
Out	Belterra Verão	Praias da cidade de Belterra no rio Tapajós	Produtor Cultural Pedro Emiliano e apoio da Prefeitura Municipal de Belterra
Nov	Festival do Açaí	Comunidade Piquiatuba	Associação dos Moradores e Agricultores Extrativista Rurais, Educativa, Desportiva, Turística, Cultural, Folclórica, Econômica, Social de Piquiatuba
Dez	Festival da Mani	Comunidade de Taquari	Comunitários de Taquari

Fonte: SEMAT (2017). Organização: Autores (2020).

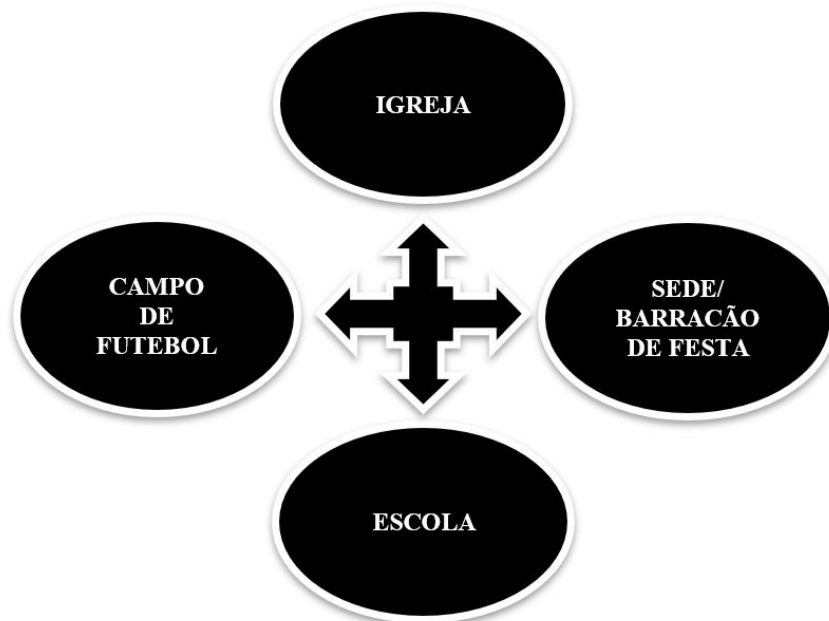
Nestas localidades ocorrem a festa do(a) Santo(a)/padroeiro(a). São inclusas na programação, as celebrações (missas), os torneios de futebol, os bingos, rifas ou leilões, festa dançante, com total apoio e responsabilidade de outras comunidades. Portanto, são realizadas trocas materiais e simbólicas, pois quando se planeja a festa do santo em outra comunidade, é o compromisso da comunidade visitada pagar por meio da participação.

Em termos territoriais, as relações de parentescos e de vizinhança são identificadas socialmente e culturalmente em uma comunidade (CHRISTILLINO, 2005). Ao falar de comunidades amazônicas, demarcam-se 4 (quatro) elementos simbólicos: igreja, campo de futebol, sede/barracão de festa e a escola (Figura 3). Esses objetos simbólico-territoriais é a materialização das (Re)existências de vidas e das práticas culturais dos trabalhadores e trabalhadoras do campo, divergindo da intencionalidade da Psicosfera da Expofeibel.

Em geral, quando se fala em “comunidade rural”, trata-se de indicar um grupo concreto delimitado em termos territoriais (a população de uma localidade, distrito, município) e em termos de sua atividade (pessoas que se ocupam de atividades “rurais”, ligadas a agricultura e à pecuária), mas, ao mesmo tempo, a expressão sugere que esse grupo se organiza a partir de relações de proximidade e solidariedade, em que sobressaem a importância do parentesco, vizinhança,

cooperação no trabalho, co-participação nas atividades lúdico-religiosas, apontando para valores de harmonia e consenso (CHRISTILLINO, 2005, p. 112).

Essa diversidade sociocultural, econômica, política e ambiental é entendida como a resistência e a força do lugar (SANTOS, 2000). Assim, estão envolvidas no *Puxirum da Bela Terra*, comunidades, associações, cooperativas, lideranças, ativistas e instituições parceiras, formando um mosaico de práticas espaciais e territoriais específicas e singulares tapajônicas, para que assim, possa-se compreender o todo em suas múltiplas dimensões e escalas geográficas.



Fonte: Trabalho de campo (2019). Organização: Autores (2020).

Figura 3. Fluxograma dos objetos simbólico-territoriais de uma comunidade amazônica.

São ações de (Re)existências que os sujeitos(as) de Belterra criam estrategicamente para se manter firmes no lugar, frente a um projeto da classe capitalista. O horizonte projetado essencialmente na Amazônia de Belterra do Tapajós, na região do oeste paraense, é de uma Psicofera do agronegócio latifundiário (Expofeibel), objetivando de qualquer forma, impor uma nova territorialidade de caráter ideológico. Essas relações desiguais são marcadas por dispositivos coercitivos de dominação, subalternização, criminalização e de uma tamanha violência histórica/espacial/territorial/simbólica do ser humano e da natureza.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A territorialização da Expofeibel na região oeste do Pará resultou na formação de uma nova identidade socioespacial no contexto local (Belterra) e regional (Amazônia). É a invasão de uma (agri)cultura exógena (agronegócio latifundiário) que prega uma Anti/Des-Amazônia; da invisibilidade/marginalização/negação dos sujeitos do lugar e suas manifestações culturais e diversidade social-político-cultural. É o surgimento de uma supremacia do poder dominante e violento, marcado pela perversidade simbólica e identitária.

A dialética presente no espaço belterrense tapajônico por meio da Expofeibel operacionaliza uma Psicosfera do estranhamento que ressignifica a dimensão e práticas socioespaciais, mas também reproduz contra-racionalidades e contra-hegemonia fluída do lugar/cotidiano. A intencionalidade hegemônica de uma cultura sulista e “gaúcha” pressiona, expropria, criminaliza e subalterniza as populações amazônicas. São grupos que lutam e resistem frente um projeto territorial nefário, na qual criam estratégias para garantir existindo e recriando socialmente, como é o caso dos camponeses, indígenas, extrativistas, ribeirinhos, cidadãos, ativistas, lideranças sindicais, membros de movimentos sociais e ONGs.

Os eventos culturais do lugar existem e sempre existiu antes mesmo da chegada do agronegócio. A prática do Puxirum da Bela Terra comprova a força das festividades comunitárias amazônicas que vai de desencontro com as ações do agronegócio. Mas esse evento geográfico não é um fato isolado.

Na Comunidade de Boa Esperança, microrregião de Santarém-Pará, região do Planalto Santareno, a territorialização do *agrobusiness* significou em mudanças estruturais e a (i)legitimidade de uma nova territorialidade. A festa tradicional do lugar, o “Festival da Farinha de Tapioca”, foi fundida com a “Festa da Integração Gaúcha”. Na atualidade, ambos os eventos estão ocorrendo conjuntamente, e a Psicosfera reformulada pelo agronegócio para caracterizar a origem dessas festas, realça uma narrativa falaciosa. A lógica do discurso hegemônico difundida entre comunidade amazônica e agronegócio é fundamentada: “conquistas”, “tradições” e “cultura”.

É o resultado de uma apropriação identitária-material-simbólica e a negação dos eventos socioculturais preexistentes no lugar e no cotidiano. A região do Baixo Amazonas é repleta de manifestações culturais e práticas socioespaciais no campo e na cidade, que são expressas através de modos de vidas, lendas, encantamentos, simbologias e linguajares particulares e singulares dos diferentes lugares da Amazônia.

É necessária a resistência do lugar. O poder de organização e articulação coletiva é fundamental para a reprodução social das múltiplas espacialidades e territorialidades. Não se quer nesse estudo generalizar a territorialização da Psicosfera da Expofeibel para todos os lugares da Amazônia, nem é esse o objetivo apresentado nesse artigo. Muito menos esgotar todas as possibilidades de análises sobre as festas na Amazônia brasileira no contexto da geografia agrária e na perspectiva crítica. Todavia, espera-se que esse singelo manuscrito possa contribuir com pesquisas futuras, pois se constatou *a priori* que a Expofeibel exerce a espacialidade do poder e transforma as relações do lugar e do cotidiano em espaço da “modernização” hegemônica colonial.

NOTAS

3 É um mutirão ou uma associação que reúnem as pessoas de uma comunidade para desenvolver um trabalho coletivamente em um único dia, objetivando atender uma necessidade específica de uma pessoa ou grupo. É comum os trabalhadores se reunirem para realizar trabalhos na agricultura (roça), como limpezas, capinagem ou na organização e preparativos de atividades festivas.

4 É um evento agropecuário e agroindustrial de exposição que acontece na cidade de Santarém e abrange a região do Baixo Amazonas. A Exposição da Feira Agropecuária e Agroindustrial do Baixo Amazonas é organizado e promovido pelo Sindicato Rural de Santarém (SIRSAN).

5 O município de Belterra possui 4 (quatro) projetos de assentamentos: o Projeto de Assentamento Coletivo (PAC) é constituído do PAC Bela Terra I e o PAC Bela Terra II, situados às margens da rodovia BR-163; o Projeto de Assentamento Agroextrativista (PAE) fazem parte o PAE Aramanaí e PAE Pindobal, localizam-se às margens do rio Tapajós. São territórios que estão em disputas em virtude do capital ter avançado no interior desses territórios, ameaçando a existência da natureza e de vidas das múltiplas territorialidades tapajônicas. As contradições existentes nas áreas de assentamentos impetraram irregularidade e concentração fundiária, sistema de grilagem e a propriedade privada da terra.

REFERÊNCIAS

- BELTERRA (Cidade). Prefeitura Municipal. **A Prefeitura Municipal por meio da Secretaria Municipal de Agricultura Semagri e promove a primeira edição da exposição feira do produtor de Belterra- Expofeibel**. 2018. Disponível em: https://belterra.pa.gov.br/mostrarNoticia.php?id_=116. Acesso em: 31 maio 2020.
- BELTERRA (Cidade). Prefeitura Municipal. **Arquivo da Prefeitura Municipal de Belterra**. 2019. Disponível em: <https://belterra.pa.gov.br>. Acesso em: 31 maio 2020.
- BERNARDES, J. A. Dimensões da ação e novas territorialidades no cerrado brasileiro: pistas para uma análise teórica. **Revista NERA** (UNESP), v. 10, p. 1-10, 2007. Disponível em: <https://revista.fct.unesp.br/index.php/nera/article/view/1419>. Acesso em: 31 maio 2020.
- CHRISTILLINO, C. Comunidade rural. In: MOTTA, M. **Dicionário da terra**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.
- CONCEIÇÃO, F. S. **A territorialização do capital e a expansão do agronegócio sojeiro: lutas e (re)existências dos camponeses/camponesas das comunidades Nova Esperança e Nova Aliança no município de Belterra/Pará**. 2017. 225 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) - PPGG/Fundação Universidade Federal de Rondônia, Porto Velho, RO, 2017.
- CONCEIÇÃO, F. S.; COSTA SILVA, R. G. Puxirum no Tapajós: lutas sociais e (re) existências camponesas na Amazônia. In: PORTO JÚNIOR, Francisco Gilson Rebouças et al (Orgs.). **Povos originários e comunidades tradicionais**. Vol 5: trabalhos de pesquisa e de extensão universitária. Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2020. p. 144-167.
- CONCEIÇÃO, F.S.; RIBEIRO, A.F.A.; SILVA, R.G.C. (Des)encontros entre a estrada e o rio: o caso da Gleba da Bota no oeste da Amazônia paraense. **Revista GeoNordeste**. São Cristóvão, ano 30, n. 1, p. 06-25, jan./jun. 2019. Disponível em: <https://seer.ufs.br/index.php/geonordeste/article/view/7518>. Acesso em 30 maio 2020.
- COSTA SILVA, R. G; CONCEIÇÃO, F. S. Agronegócio e campesinato na Amazônia brasileira: transformações geográficas em duas regiões nos estados de Rondônia e Pará. **GEOGRAPHIA** (UFF), v. 19, p. 54-72, 2017.
- HAESBAERT, R. **Des-territorialização e identidade: a rede “gaúcha” no Nordeste**. Niterói: EDUFF, 1997. 293 p.
- HARVEY, D. **A produção capitalista do espaço**. Tradução de C. Szlak. 2. ed. São Paulo: Annablume, 2006.
- KOSIK, K. **Dialética do concreto**. Tradução de C. Neves e A. Toríbio. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.
- MOREIRA, E. Conceito de Amazônia. **Revista Brasileira dos Municípios**, ano 9, n. 34, p. 105-110, abr./jun. 1956.

- PORTO-GONÇALVES, C. W. **Amazônia, Amazônias. São Paulo: Contexto, 2011.**
- RONILSON (Blog). **Notícias, opiniões e tecnologias.** 2017. Disponível em: <https://www.ronilson.com.br/2017/12/a-poesia-que-nao-foi-escrita.html>. Acesso em: 03 jun. 2020.
- SANTOS, M. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção.** São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo, 2012a.
- SANTOS, M. **Por uma geografia nova: da crítica da geografia a uma geografia crítica.** 6. ed., 2. reimpr. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2012b.
- SANTOS, M. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal.** 3. ed. Rio de Janeiro: São Paulo: Record, 2000.
- SANTOS, M.; SILVEIRA, M. L. **O Brasil: território e sociedade no início do século XXI.** Rio de Janeiro: Record, 2001. 473 p.
- SEMAT. Secretaria Municipal de Meio Ambiente e Turismo. Coordenadoria de Turismo. **Inventário da oferta e infraestrutura turística de Belterra.** 2017. 149 p. Disponível em: <http://www.setur.pa.gov.br/sites/default/files/pdf/inventariobelterra1.pdf>. Acesso em: 03 jun. 2020.
- SILVA, R. G. C. Amazônia globalizada: da fronteira agrícola ao território do agronegócio: o exemplo de Rondônia. **Confins**, Paris, v. 23, p. 1-30, 2015. Disponível em: <https://journals.openedition.org/confins/9949>. Acesso em: 03 jun. 2020.
- SILVA, R. G. C. A regionalização do agronegócio da soja em Rondônia. **GEOUSP: Espaço e Tempo**, v. 18, p. 298-312, 2014. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/geousp/article/view/84534>. Acesso em: 03 jun. 2020.
- SILVA, R. G. C. Globalização, agricultura e a formação do meio técnico-científico-informacional em Rondônia. **Acta Geográfica**, UFRR, p. 69-83, 2013. Disponível em: <https://revista.ufr.br/index.php/actageo/article/view/1383/1211>. Acesso em: 03 jun. 2020.